
Ativismo do exemplo: a espiritualidade entrelaçada nas concepções de ativismo, política, consumo e comunicação em narrativas de ativistas veganos de São Paulo¹

Isabela Zilah Ehm de Sá PEIXOTO²
Rosamaria Luiza (Rose) de Melo ROCHA³
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

Resumo

Apresentamos uma análise comparativa de narrativas autobiográficas de ativistas que relaciona suas práticas de consumo alimentar às suas concepções de ativismo, política e consumo. Compreendemos que há certa relação mística em torno do consumo para os veganos e posições bastante complexas na articulação entre práticas de consumo e ação política. Associamos o fenômeno ao conceito de (des)possessão.

Palavras-chave: veganismo; espiritualidade; consumo; ativismo; política.

Introdução

Apresentamos neste artigo resultados parciais de projeto de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) vinculado à pesquisa *Sobre (des)possessões, (des)ocupações e (in)visibilidades: lutas políticas, intervenções estéticas e ritualísticas de presença e subjetivação na relação com o corpo, a cidade, as imagens e o consumo*, (PQ/CNPq), coordenada pela Prof.^a Dra. Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha. Assim, é nosso objetivo relacionar concepções de ativismo, política, comunicação e consumo de jovens ativistas, às suas práticas de consumo alimentar e veganismo, tendo como corpus de análise narrativas autobiográficas juvenis de ativistas da cidade de São Paulo⁴.

¹ Trabalho apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação – XIV Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda na ESPM -SP. Bolsista de IC (CNPq), membro do GP CNPq JUVENÁLIA e-mail isabelazilah@gmail.com

³ Professora titular no PPGCOM-ESPM, líder do GP CNPq JUVENÁLIA, orientadora da Iniciação Científica e-mail: rrocha@espm.br

⁴ O banco de dados que serviu de base empírica a esta etapa da iniciação científica foi originalmente elaborado no âmbito da pesquisa *O que consomem os que não consomem? Ativistas, alternativos, engajados*, idealizada pelas Prof.^{as} Dra. Rose de Melo Rocha e Prof.^a Dra. Simone Luci Pereira, ainda em andamento, e que obteve financiamento do CAEPM-ESPM. Este material é constituído por narrativas de 15 entrevistados, moradores de diversas partes da região metropolitana de São Paulo e foram separados em grupos, como: a) militantes político-partidários, b) ativistas

A metodologia de análise adotada toma por inspiração a proposta hermenêutica-dialética sugerida por Deslandes, Gomes, Minayo (2015, p.97) que a definem como *Método de interpretação de Sentidos*. Tendo como ponto de partida o interior da fala dos entrevistados e como ponto de chegada o campo de especificidade histórica e totalizante que produz a fala, esta metodologia sugere três níveis de interpretação: as determinações fundamentais, o encontro realizado com os fatos sugeridos na investigação e a análise final (para estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa).

Após uma primeira leitura das entrevistas, os ativistas foram separados em quatro grupos: a) os entrevistados que são estritamente veganos – grupo 1; b) os ativistas que demonstraram preocupação com o consumo alimentar de origem animal – grupo 2; c) os ativistas que falaram sobre consumo alimentar, mas sem preocupação com produtos de origem animal – grupo 3; e d) os ativistas que não falaram sobre consumo alimentar – grupo 4. Como o objetivo desta pesquisa é entender as concepções de ativismo e política em relação ao consumo alimentar, as narrativas dos ativistas do grupo 4 não entraram na análise.

Feita esta divisão, percebe-se que a maioria dos entrevistados que falaram sobre veganismo ou consumo alimentar de origem animal são mulheres (os grupos 1 e 2 são formados por 5 mulheres e 2 homens, enquanto os grupos 3 e 4 são formados por 2 mulheres e 6 homens). Segundo Carol Adams (2012), em seu livro **A política sexual da carne**, há uma estreita relação entre a supremacia masculina branca e o consumo de carne. A autora traz a carne como símbolo do patriarcado e demonstra a relação da palavra “vegetal” com a atribuição de passividade feminina. As mulheres, como corpo objetificado e inferiorizado nesse sistema, são tão exploradas quanto os animais, o que as torna mais propícias a se sensibilizarem com essas questões. Segundo afirma: “retirar a carne da refeição é ameaçar a estrutura da cultura patriarcal mais ampla” (ADAMS, 2012, p. 167).

Ativismo, política e práticas de consumo

ambientais, ambientalistas, ecológicos, c) militantes ligados ao debate de gênero, d) veganos, e) ativistas migrantes, f) produtores culturais, g) militantes da democratização da mídia, e h) ativistas antiglobalização. As transcrições compreendem relatos destes ativistas. Para esta iniciação científica, essas narrativas receberam tratamento analítico elaborado a partir de categorias específicas propostas para esta iniciação, a saber: consumo alimentar e veganismo.

Iniciando a análise propriamente dita das narrativas, observamos que quando questionados sobre suas concepções de ativismo e política, os três grupos relataram acreditar que ativismo consiste basicamente em ações individuais. O que diferiu em seus discursos foi a ideia de ação política no ativismo. Para os ativistas do grupo 3, fazer política requer o trabalho coletivo. Cláudia⁵, ativista de partido político pertencente a este grupo, falando sobre veganismo especificamente, alegou que quem “se organiza em defesa dos direitos dos animais, ambientalistas, eles seriam mais um grupo político de fato, porque além de não comer a carne eles têm uma ação efetiva nisso.”

Os ativistas veganos (grupo 1) nos deram exemplos de ações coletivas em defesa dos animais, mas acreditam que fazer política vai além disto; segundo propõem, é possível fazer política através de suas ações individuais, embora visem a transformação social e pretendem impactar a sociedade como um todo. Estas ações são bastante enfatizadas em suas práticas de consumo. A recusa de consumo animal vai além da alimentação, falam, por exemplo, de entretenimento, vestuário e cosméticos.

Pensando no conceito de *projeto social* (VELHO, 1987) como expressão simbólica e política que atenda aos projetos individuais e esteja ligado a processos de transformação social, percebemos que há diferenças aqui, em termos do que concebem como seus projetos sociais. Para militantes de partido político, por exemplo, Cláudia e Jorge (ambos no grupo 3) entendem que o projeto social em que acreditam depende da ação política no coletivo. Jorge, por exemplo, acredita que os veganos, ao mudarem seu comportamento, afetam

o consumo da carne, isso pode ter um impacto, por exemplo, ambiental ou ético, né, mas não [é uma ação política]. Agora, se ele é uma pessoa que organiza campanhas de conscientização e tudo mais aí eu acho que é engajamento.

Já o projeto social de nossos ativistas veganos engloba ação individual perante o consumo como prática política. Mônica Machado (2010), em seu estudo sobre consumo e politização, auxilia na compreensão das implicações macroestruturais destas práticas, ao concluir que a juventude brasileira se distanciou da política tradicional e é através de “uma perspectiva interativa pelos usos de bens de consumo” (2010, p.171) e adoção de estilos de vida que os jovens “entendem seus laços de participação no mundo público e vocalizam suas práticas de expressão e interação social.” (2010, p.171).

⁵ Os nomes usados para os ativistas são fictícios.

Reforçando suas ideias de ação política, os ativistas veganos (grupo 1), quando questionados sobre pontos positivos do consumo, apontaram para a possibilidade de escolha pelo consumo como prática política e democrática. Mônica reflete sobre estes aspectos, considerando que

Eu não como carne, então eu vivo num país onde é democrático e eu posso escolher não comer carne. Se eu vivesse num país ditatorial eu não poderia escolher, né. Não é assim? Não poderia não escolher não comer carne. Eu não tenho opção de consumo. Então, o consumo ele vem como uma coisa positiva nesse aspecto.

Os outros dois grupos (2 e 3) também apontaram para a possibilidade de escolha dentro do consumo como ponto positivo e citaram também ações alternativas de consumo (como agricultura familiar e o não consumo de alimentos transgênicos), mesmo dentre aqueles que não acreditam na ação política individual.

A alienação surgiu como principal ponto negativo no consumo na análise das narrativas dos três grupos. Porém, enquanto os grupos 2 e 3 trouxeram o consumo como relação humana e o consumismo como doença, como vício e como consumo além das necessidades, os ativistas veganos (grupo 1) indicaram, na relação consumo/consumismo, a concepção de equilíbrio/desequilíbrio com o meio ambiente como fator preocupante. Além disso, associam não só a “consumir além das necessidades” uma questão problemática, mas também indicam ser algo delicado a necessidade de preencher, com o consumo, o vazio existencial. Para Daniel, ativista vegano, “a grande questão é: se você estiver bem com você, você não precisa consumir tanto” e para Mônica, também vegana, o consumismo “é uma consequência de uma pessoa que tá completamente desequilibrada com o ambiente em que ela vive”. Posto isto, enfatizaram a redução do consumo como forma de atuação ativista.

Estudando a invasão do ativismo no mercado, Taiane Linhares (2009) identifica o boicote e o *buycott* (opção por produtos éticos) como partícipes de um modo de atuação vegana dentro do consumo. A autora acredita, entretanto, que seria um grande avanço ao projeto vegano se também se adotasse “a gradual diminuição na escala de necessidades” (2009, p. 10), pois esta atitude “seria capaz de barrar a atual tendência ao ‘consumismo consciente’, parte de um processo que ousou chamar de ‘comodificação do político’, isto é, a transformação da política em produtos.” (2009, p.11).

Não foram somente os veganos que apontaram para a necessidade de redução geral de consumo. Bruna, ativista LGBTQ – grupo 3, manifestou a importância que dá a

este tipo de atitude e disse se incomodar com o “sistema de produção, não só da carne, quanto de qualquer outra coisa”. Porém, em relação ao consumo alimentar, alegou não parar de comer carne pois evita “colocar no indivíduo a responsabilidade por mudar o sistema”, o que revela certa contradição ou ambiguidade entre suas concepções e práticas.

É interessante notar que os estudos de Linhares (2009) também trazem à tona esta discussão, porém com um questionamento interessante, que parece ser similar ao que fazem nossos ativistas veganos. A autora entende que

A principal crítica à ação política pelo consumo se resume na seguinte pergunta: é legítimo responsabilizar o consumidor pelas injustiças cometidas durante a cadeia de produção? Afinal, seu único interesse é adquirir os produtos, não é o seu dever controlar as atitudes das corporações envolvidas. Sobre esse assunto é interessante lembrar a crítica liberal ao consumo político, que comete o erro de combinar esfera privada e pública na tentativa de resolver problemas sociais – que dizem respeito à ação do indivíduo no domínio da cidadania, ou seja, na eleição de representantes parlamentares – através da atuação do indivíduo como consumidor (SORENSEN, 2005). Em outra perspectiva, seria o Estado o responsável por garantir a fiscalização das irregularidades cometidas no processo de produção e marketing dos produtos. Apesar de autêntica, essa possibilidade é frágil, devido, entre outras coisas, à condição global do capitalismo e de suas conseqüências. Resta no plano macro-político a expectativa de constituição de um órgão mundial de fiscalização suficientemente eficiente. Mas, enquanto isso, sentar e esperar? (LINHARES, 2009, p.12)

Comunicação vegana

Além dos apontamentos sobre ação política em práticas cotidianas de consumo, os veganos salientaram a importância da comunicação para execução de seu ativismo, já que “é através da comunicação [que] você pode conseguir mudanças efetivas em outro ser”, como disse Mônica, pois “todos somos agentes transformadores em potencial”. Não somente estes ativistas acentuaram a importância de uma comunicação efetiva, outros ativistas também falaram sobre a comunicação como forma de conscientização.

Contudo, mesmo que ativistas de outros grupos também tenham falado sobre conscientização, a forma de comunicação vegana mais branda – que não se baseia na culpabilização do próximo – tem demonstrado crescimento. Nunes (2010), em seu estudo sobre ativismo vegano em São Paulo, chamou esta atitude de *educação vegana* que

leva em consideração não somente os argumentos a respeito do sofrimento animal – *para não assustar*, como afirmaram vários veganos entrevistados -, mas traz para a discussão os benefícios do veganismo para o planeta, em termos

econômicos, sociais e políticos; benefícios estes mais fáceis de *digerir* pelos onívoros. (NUNES, 2010, p. 108)

Nossos entrevistados veganos alegaram ter realmente mudado sua forma de se comunicar pois, como disse Mônica,

antes, quando eu tentava convencer (...) eu afastava, a ponto da pessoa nem querer ouvir falar em veganismo, vegetarianismo. Quando eu mudei a minha prática, do tipo, ser, apenas ser, sou. Então eu estou aqui e sou vegana.

Assim como ela, Daniel disse ter mudado sua prática, pois percebeu que as pessoas que têm contato com seu estilo de vida acabam “se convertendo. Acaba indo pra esse caminho, né, pela convivência e pelo o que eu falo, o bom exemplo, né. Então eu não fico cutucando a pessoa.” Nesse sentido, os entrevistados veganos, aqui, se intitularam como “ativista do exemplo”. Exemplo esse que pode se dar durante uma refeição. “Eu achava que ela ia ficar insatisfeita, eu ia machucar a pessoa e tal. Hoje, eu vejo como uma... Uma oportunidade a mais de informar essa pessoa, né, do quão inconsciente ela tá”, relatou Mônica. Ou também pelo uso das redes sociais, como disse Daniel, ao afirmar que “eu posto uma foto no instagram que junto vai para o facebook, vai pro tumblr, vai pro twitter, vai pra todo lugar, atinge ali, sei lá, trezentas pessoas de uma vez, né.”

Podemos aqui lembrar a análise de Nunes (2010), para quem “existe um forte ativismo que não parece, mas que é realizado utilizando a força de difusão comunicacional da Internet.” (NUNES, 2010, p. 97). Para o autor,

Os veganos incorporaram as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) em suas estratégias como instrumentos de planejamento, articulação e ação. A articulação em rede entre vários coletivos de defesa animal, o compartilhamento de informações em tempo real entre veganos, a convocação social – como, por exemplo, protestos em frente de empresas que utilizam animais em seus produtos – são as formas mais comuns de ativismo *web based*.. (NUNES, 2010, p. 100).

Além desse tipo de conteúdo, nossos entrevistados trouxeram outros, como disse Daniel, por exemplo, “quando eu postar o meu suco verde lá no facebook, que eu sempre posto, que isso daqui é tudo o que eu plantei, você pode plantar também.” Mas a importância da comunicação para os veganos “não está apenas nas palavras”. O próprio corpo também é uma importante fonte de comunicação. Como observa Mônica, “você se

comunica através dos gestos (...) dos exemplos. O teu exemplo, a tua ação, a tua atitude diária é uma comunicação extremamente estratégica e eficaz.”

Para além das funcionalidades corporais, relatam utilizar a visualidade do próprio corpo. Como disse Mônica, que possui “uma tatuagem aqui atrás de veganismo (...) é um V verde, de Veganismo mesmo” comunicando a todos seu estilo de vida; e mais do que apenas comunicação, pensam o corpo como mídia. Para Daniel “se eu for, por exemplo, um vegano raquítico, doente, obeso, (...) a mídia, que é o meu corpo, vai falar totalmente contrário do que eu estou falando”.

A mudança do corpo por conta da mudança de sentidos subjetivos políticos, caracteriza o que Díaz e Alvarado chamaram de *subjetividade política encorpada* (DÍAZ, ALVARADO, 2012). Para os autores,

a partir da processualidade da vida cotidiana, é um trabalho que o sujeito realiza sobre si mesmo e pelo qual se transforma, indo além de sua aparência característica em um dado momento e, assim como mudam seus sentidos subjetivos políticos, muda seu corpo. (DÍAZ; ALVARADO; 2012, p. 127; *tradução nossa*).

O corpo, como território único de existência de cada ser humano, como expressão de pertencimento à espécie animal que passa por mudanças biológicas, como resultado de incorporação de cultura e a constante ressignificação e transformação em detrimento da vida cotidiana em diferentes contextos, permite ao sujeito reconhecê-lo como centro único de mudança e direcionamento. (DÍAZ, ALVARADO, 2012).

Outros ativistas também falaram sobre o potencial comunicacional do corpo, contudo, Jorge, militante de partido político do grupo 3, não o considera como mídia, pois, para ser mídia, é necessário “espaço mais amplo do que alcance o meu corpo”. Já Flávia, militante ambientalista do grupo 2, trouxe em sua narrativa o uso do corpo como mídia, usando como exemplo a organização internacional “PETA, de proteção animal, (...) [que] usa também o corpo como mídia, porque eles fazem fotos nus pra mostrar a fragilidade do corpo, a fragilidade do animal ali.”

Ativismo do exemplo e espiritualidade

Este *ativismo do exemplo*, que utiliza diferentes formas de comunicação, inclusive o uso do próprio corpo através de suas funcionalidades e visualidades, é associado à

espiritualidade nas narrativas de nossos ativistas veganos. “Pra mim, espiritualidade está extremamente agregada a essa consciência com relação aos animais, com relação o meio ambiente. Uma coisa está atrelada a outra, assim. Não tem como”, diz Mônica.

Ela, nos contando sua história de vida e o porquê faz essa associação, disse que para ela a prática espiritual é como uma conexão que leva à evolução e que “essa evolução não tem como existir se você se alimenta de sangue, dor, morte, assassinato, sofrimento, violência. Elas são, na minha concepção, na minha concepção, isso é incoerente.” Continua dizendo que percebeu esta incoerência quando teve contato com a igreja católica:

Eu fui catequista até os quinze anos e quando eu me tornei vegetariana, já não via, já não via nenhum sentido continuar na igreja. É... Fazer parte daquilo tudo. Sendo que tinha churrasco, sabe, de domingo, sendo que tinha de macarronada, frango assado pra ganhar, pra construir a igreja. Entende? Não tem sentido.

Pesquisando sobre o que os estudos sobre teologia cristã falavam sobre veganismo e consumo de carne, encontramos os autores Murad e Procópio (2016). Em seu artigo “A condição animal. Breve reflexão teológica”, os autores falam sobre a herança cristã que legitima a exploração e o genocídio animal através de escritas de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Segundo seus argumentos, à luz da ética antropocêntrica, os outros seres não humanos recebem valor instrumental, não sendo inclusos na esfera de consideração moral. Porém, por meio da leitura de São Francisco de Assis, é possível pensar a fraternidade com todos os seres, não só os animais humanos e acreditam, também, que pela teologia da libertação, particularidade da realidade sociocultural latino-americana, poder-se-ia estendê-la aos animais não humanos. Os autores, então, concluem que

dessa forma, a tradição, a filosofia moral e a teologia nos permitiram fazer um sensato juízo e apontar um sentido a seguir. Resta agora o *agir*. A mudança de atitudes comporta atitudes cotidianas de cada consumidor, que, consciente das consequências de suas escolhas, opta por não perpetuar o sofrimento e a exploração dos animais. Neste sentido, o veganismo surge com alternativa oportuna e extremamente saudável. (MURAD; PROCÓPIO; 2016, p. 522)

Daniel também fala sobre a relação de sua espiritualidade com o veganismo. Nos diz ser “muito identificado ao veganismo”, pois acredita ser

o correto em termo de justiça, em termos do verdadeiro amor, da verdadeira compaixão que se existe aí, é a solução para o planeta e para os seres humanos. Eu sou muito espiritualizado, eu também busco muitas práticas espirituais desde lá atrás quando eu era mais novo o budismo, ioga, hoje eu tô muito na kabbalah e agora entrei bem forte no xamanismo. Então, eu acho que esse é um estilo de vida que na verdade é o único que o planeta aceitaria.

Além disso, Daniel conta que quando teve contato com o Budismo, entendeu que existe uma energia no consumo da carne que nos desconectaria da espiritualidade. Em sua percepção, todo ritual espiritual de que participa “pede três dias pelo menos sem comer carne. Por quê? Assim, eu já fico direto sem comer carne. Então eu estou sempre conectado. Não preciso ficar três dias sem comer carne para tirar aquela bigorna”. Daniel conclui dizendo ser, então, “um ativista do exemplo”, pois “eu levo a mensagem, vamos dizer assim, que é o meu ativismo: é mostrar a verdade”.

Fica evidente que nas narrativas de nossos entrevistados veganos, a ideia de salvação do planeta expressa pela palavra e pelo corpo, como um propósito messiânico do veganismo, é o fio condutor para a adoção do estilo de vida, o valor que sustenta o projeto de vida. Em reunião do grupo de pesquisa Juvenália⁶, discutindo sobre *os afetos*, debatemos sobre a perspectiva de Spinoza. Thiago das Neves (2016), um dos pesquisadores do grupo, em seu artigo sobre as afecções sonoras em festas de música eletrônica, faz uma leitura ligada aos conceitos do mesmo autor. Segundo Neves,

Os afetos são modos de pensar, de conhecer, são a razão de ser do homem e podem também ser compreendidos como sentimentos ou como emoções. O afeto move o sujeito, é a própria essência do homem que de forma recursiva, afeta a realidade e é afetado por ela. Os indivíduos estão sempre em relação com o mundo, transformando-o e sendo modificado por ele, tudo isso pela mediação dos afetos. (NEVES, 2016, p. 4).

O afeto em torno do propósito messiânico do veganismo parece levar nossos entrevistados veganos a adotarem o estilo de vida e a agirem politicamente por meio do corpo, pelas narrativas pessoais e pelas práticas de consumo; para, assim, afetarem outras narrativas e práticas. Podemos perceber o mesmo acontecimento nas escritas de Murad e Procópio (2016), na busca pelas palavras que poderão afetar a outras narrativas e auxiliarem a agir conscientemente em relação ao consumo.

⁶ Grupo de Pesquisa CNPq JUVENÁLIA. Esta reunião aconteceu no dia 15 de maio de 2018 na ESPM - SP (unidade Rua Álvaro Avim, sala B222).

Outras duas entrevistadas falaram sobre essa relação entre espiritualidade e veganismo, porém através de discursos diversos. Ana, produtora cultural – grupo 2, não é vegana, mas demonstrou preocupação com consumo alimentar de origem animal, acredita que exerce seu ativismo através da “busca pelo sentido das coisas”. Para ela, ser ativista é entrar em contato com “a galera da permacultura, da sustentabilidade, o pessoal da espiritualidade, do xamanismo”, pois acredita que seja necessário fazer “isso por mim quando ninguém está vendo” e assim poder agir politicamente através “da conscientização, pelo amor, a aproximação das pessoas”.

Já Flávia, militante ambientalista também do grupo 2, possui outros critérios em relação ao consumo alimentar de origem animal, se preocupa, por exemplo, com a origem da carne que está consumindo. Porém, alega não deixar de se alimentar dela, pois não relaciona seu ativismo à espiritualidade. Diz estar mais preocupada “com o que as pessoas sofrem todos os dias e as injustiças e como a exploração da terra faz com que as injustiças aconteçam todos os dias.”

Conclusão

Após a análise das narrativas dos entrevistados, percebemos que ativistas veganos foram praticamente os únicos que relacionaram suas práticas ativistas e políticas a espiritualidade. O propósito de certa conotação messiânica, presente em seus discursos, se apresenta como aspecto motivador para transpassarem a lógica do capital para seus corpos sociais.

Esta sustentação nos coloca em diálogo com a pesquisa na qual a iniciação científica está inserida. Rocha (2017), sugere a utilização do conceito de *possessão* como “chave de leitura para problematizar aspectos específicos das práticas de consumo na atualidade” (ROCHA, 2017, p.7). A autora entende que

tomar a *possessão* e seu duplo negativo como corolários do capitalismo significa enfrentar a delicada jornada reflexiva que reconhece permanências, transformações, mutilações e invenções levadas a cabo por este sistema, explorando, ademais, como nele se organizam e se dissipam os elementos mais arcaicos do humano, a saber, e de modo primordial, a relação com o sagrado, com a morte, com a semelhança e a diferença. (ROCHA, 2017, p. 7).

Além disso, a autora considera, que há uma “dimensão transgressora” (ROCHA, 2017, p.8) na *(des)possessão*, pois a entende como eixo reflexivo que nos leva a pensar tanto nos modos de estruturação da desigualdade e da exclusão no capitalismo contemporâneo, quanto também polo de resistências. Considera que “a força ambivalente do consumo (possessão/despossessão) garante e subverte a dinâmica capitalista e afeta as perspectivas de subjeção. Na mística do consumo, quando tomamos posse de um objeto ele também nos possui.” (ROCHA, 2017, p. 18).

Podemos, então, sugerir que há uma certa ordem de *(des)possessão* nas ações de nossos ativistas veganos expressa na relação entre ativismo, consumo e espiritualidade presentes em suas narrativas. Percebe-se a dimensão mística do consumo quando disseram, por exemplo, sobre a “energia” que se adquire no consumo de carne, sobre a relação consumo e equilíbrio com o meio ambiente e sobre suas escolhas veganas cotidianas como ações políticas de caráter transformador. Para eles, há presença do sagrado no cotidiano que interfere em suas atitudes e comportamentos, que sustenta seus projetos de vida e os torna *ativistas do exemplo*. Como nos disse Daniel, “é mais fácil você perguntar porque eu não sou [vegano]. Porque eu só tenho motivo pra ser.”

Fechamos, então, esse artigo com uma citação do início do livro **Cem anos de solidão** de Gabriel García Márquez (1967), que nos fez pensar na relação da espiritualidade com o consumo. Contando sobre as lembranças de Aureliano Buendía em seu momento de desesperador fuzilamento, esta personagem se recorda da fala do cigano Melquíades, responsável por levar as inovações à aldeia Macondo, lugar onde Buendía cresceu. “As coisas têm vida própria – apregoava o cigano com sotaque áspero - é só questão de despertar suas almas.” (MÁRQUEZ, 2013, p. 43).

Referências

ADAMS, Carol. **A política sexual da carne**: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

DESLANDES, Suely; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria C.; **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

DÍAZ, Gómez, A.; ALVARADO, Salgado, Sara V. **Subjetividad política encorpada**. Revista Colombiana de Educacion, Bogotá, N. 63, p. 111–128. 2012.

LINHARES, Taiane. **Entre a Politização do Consumo e a Comodificação do Político:** Quando o ativismo invade o mercado. In: 32º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom. Anais. Curitiba, 2009.

MACHADO, Mônica. **Consumo e Politização:** discursos publicitários e novas formas de engajamento juvenil. 2010. 204f. Tese de Doutorado – UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão.** Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

MURAD, Afonso; PROCÓPIO, Marco. **A condição animal.** Breve reflexão teológica. Revista Encontros Teológicos, Florianópolis, V.31, N.3m p.507-524. 2016.

NUNES; Ernesto Luiz. **Vegetarianismo além da dieta:** ativismo vegano em São Paulo. 2010. 128f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2010.

ROCHA, Rose de Melo. **Esta noite encarnarei no teu objeto:** a (des)possessão como mística e lógica capitalista. In: 26º Encontro Anual Compós. Anais. São Paulo, 2017.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura.** 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.